



OS DISCURSOS NA REDE SOCIAL: SENTIDOS QUE DESLIZAM NAS VOZES DE MULHERES

Márcia Vorpapel Serschön³¹

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho³²

RESUMO: Vivemos em um momento no qual os discursos de empoderamento feminino têm recebido um certo destaque nas mídias e, principalmente, nas redes sociais. Porém, em uma rápida pesquisa pelos espaços virtuais, também é possível encontrar a desconstrução desses discursos por vozes femininas em apoio a um discurso patriarcal que é reproduzido por lideranças políticas da atual conjuntura brasileira, desvalorizando a luta histórica das mulheres. Esta pesquisa tem por objetivo analisar os efeitos de sentido provocados pelas postagens em páginas que apoiam os discursos que circulam em relação ao governo vigente no que se refere à mulher e a (des)construção de um perfil da voz feminina em relação ao discurso x sobre o olhar da mulher sobre si própria e a quais Formações Discursivas (FDs) elas se posicionam frente ao discurso de apoio ao presidente, presidente esse, que se identifica com uma FD patriarcal. A pesquisa tem como corpus postagens feitas no *Facebook*, e como aporte teórico a Análise de Discurso de Pêcheux (1983) e Eni Orlandi (2012). Para a Análise de Discurso, o discurso não é apenas a transmissão de informação, é “efeito de sentido entre locutores” (Pêcheux, 1990). O discurso não é a fala, não é o texto. Mas é através da fala e dos textos que atingimos o discurso fazendo sentido, e analisamos as situações em que é produzido; analisamos como a ideologia existente em todo discurso, significa para e na relação entre sujeitos, levando em consideração as várias posições enunciativas e o contexto histórico mais amplo em que se produz o discurso. As postagens encontram-se separadas em seqüências discursivas (SDs) para melhor organização das análises.

PALAVRAS-CHAVE: Vozes femininas. Redes sociais. Formações discursivas. Efeitos de sentido.

Introdução

Ao longo das décadas, inúmeras reivindicações sociais refletem a pluralidade de ideias que se difundem por todo o mundo. Após a Revolução Francesa, as mulheres se destacaram liderando um movimento que buscava conquistar os mesmos direitos políticos e sociais que os homens, com bandeiras condizentes ao momento histórico. Porém, tais movimentos sociais apresentam rupturas, desdobramentos, avanços e retrocessos. Assim, movimentos intitulados feministas podem ser muitas vezes dissonantes e até coexistirem.

³¹ Mestranda em Letras/Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. svm_th_s@hotmail.com

³² Doutorando em Letras/Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Mestre em Educação e professor dos Cursos de Linguagens e Códigos e Turismo na Universidade Federal do Maranhão - UFMA



Para a AD, foram as pequenas rupturas provocadas por chistes, atos falhos, estranhamentos produzidos por corpos deslocados de seu “lugar”, que possibilitaram, pelo confronto, mudanças no discurso da época, fazendo nascer um outro discurso (um acontecimento discursivo), uma nova FD que resiste ao controle dos corpos femininos e ao poder dos homens sobre as mulheres. Ou seja, esse ritual falha e é a partir das falhas que o inconsciente se manifesta, provocando a ruptura, gerando a resistência. (PEREIRA, 2017, p. 93).

Com a ascensão da internet surgem coletivos feministas na mesma proporção que grupos contrários. Vale lembrar que, atualmente quando se fala em igualdade entre os sexos, fala-se em igualdade na diferença, ou seja, equidade. Com as redes sociais e neste artigo, em especial, tratando-se do Facebook, amplia-se o alcance das discussões em prol de diversos movimentos encampados por mulheres sobre política, religião, feminismo, antifeminismo e muitos outros. Assim, surge um cenário de grande movimentação nas redes sociais, com os mais variados movimentos, como “Mulheres pela democracia”, “Mulheres com Bolsonaro em missão #oficial”, “Mulheres com Bolsonaro”, entre outros.

Propõe-se, então, a partir de postagens coletadas no grupo intitulado “Mulheres com Bolsonaro” e “Mulheres com Bolsonaro em missão oficial”, analisar o funcionamento de discursos de mulheres em apoio ao atual presidente da república brasileira, valendo-se como aporte teórico a Análise de Discurso pecheutiana.

Desenvolvimento

A Análise de Discurso Francesa, também chamada de AD, é uma disciplina de entremeio que abarca conhecimentos da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise, as quais sofrem questionamentos e intervenções da AD. Os pressupostos teóricos da AD despontaram com Michel Pêcheux no final da década de 60 na França e eram distintos dos pressupostos da *discourse analysis* já existente na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. O surgimento da AD francesa está relacionada a uma proposta de intervenção política que "aparece como portadora de uma crítica ideológica apoiada em uma arma científica”, conforme Gadet (1993, p. 8), cujo objetivo era o de combater o formalismo linguístico e a automatização presente na relação com a linguagem. Para desconstruir



a ilusão de que haveria neutralidade na gramática e a de que os sujeitos são as fontes de seus dizeres e sentidos, Pêcheux ancora seu trabalho na noção de sujeito, que foi deliberadamente excluída durante o percurso estruturalista como forma de marcar posição contrária aos postulados advindos de ciências como a fenomenologia, a hermenêutica e o psicologismo no campo dos estudos da linguagem.

O discurso foi sempre para Pêcheux o objeto de uma busca, ou seja, é no discurso “que se concentram, se intrincam e se confundem, como um verdadeiro nó, as questões relativas à língua, à história e ao sujeito” (Ferreira, 2010, p. 01).

Segundo Ferreira (2010, p. 02), a Análise do Discurso visa tematizar o objeto discursivo como sendo um objeto-fronteira, que trabalha nos limites das grandes divisões disciplinares, sendo constituído de uma materialidade linguística e de uma materialidade histórica ao mesmo tempo. Portanto, a AD recorta seu objeto teórico, que é discurso proferido, diferindo da linguística, a qual tem na língua o instrumento para a explicação de textos.

A esse respeito, Ferreira, ao citar Orlandi em seu texto, salienta que

[...] imputa à AD a condição de disciplina de entremeio, uma vez que sua constituição se dá às margens das chamadas ciências humanas, entre as quais ela opera um profundo deslocamento de terreno, ou seja, a AD produz um outro lugar de conhecimento com sua especificidade, não sendo mera aplicação da linguística sobre as ciências sociais e vice-versa. (FERREIRA, 2010, p. 03).

Para Eni Orlandi, que é precursora da Análise de Discurso (AD) no Brasil, a AD se configura como um campo de confluência entre a Linguística e as Ciências Sociais (ORLANDI, 2007, P. 16), na qual, em uma há a afirmação da imanência da linguagem e, na outra, a transparência da História. A língua na AD, diferente da linguística que aborda a língua como completa, admite a falta, o furo, a falha; não trabalha com uma estrutura homogênea e incorpora o termo “real da língua”, termo trazido da psicanálise, para expressar essa incompletude. Assim, Ferreira complementa que o

[...] eixo básico da AD, se dá sob a perspectiva do materialismo histórico, que tem em Althusser seu principal inspirador. Vem daí também a influência da concepção de sujeito, que vai ganhar sua feição primordial, enquanto sujeito interpelado, assujeitado ideologicamente e produto de determinações, por influência direta do materialismo histórico. (FERREIRA, 2010, p. 04).



Para a Análise de Discurso, o discurso não é apenas a transmissão de informação, é “efeito de sentido entre locutores” (Pêcheux, 1990). O discurso não é a fala, não é o texto. Mas é por meio da fala e dos textos que atingimos o discurso fazendo sentido, analisando as situações em que é produzido e como esse discurso tem seu funcionamento; analisamos como a ideologia existente em toda mensagem, significa para e na relação entre sujeitos, levando em consideração as várias posições enunciativas, o contexto sócio- histórico e as condições de produção em que se produz o discurso. É por meio de,

diferentes superfícies, diferentes materialidades, diferentes modos de formulação e circulação indicam novas, ou melhor, diferentes formas de textualidade. E manifestam todas elas nossos modos de relação com o simbólico, mais especificamente em sua dimensão textual. (ORLANDI, 2004, p.121).

A noção de sujeito é importante para a discussão pretendida neste artigo, portanto, no caso da AD, o sujeito é um sujeito interpelado ideologicamente, diferente do sujeito da psicologia, que é senhor da sua morada. Desta forma, por ser interpelado ideologicamente, o sujeito se filia a determinadas Formações discursivas (FD), que são regidas por Formações Ideológicas (FI).

Pêcheux define formação discursiva como:

aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição se um programa, etc). (PÊCHEUX, 2009, p. 147)

Desta forma, podemos entender porque as palavras não têm sentidos nelas mesmas, o sentido é dado a partir da FD em que são enunciadas. O sujeito identificado por uma FD “escolhe” nos dizeres permitidos o que pode enunciar. A isso Pêcheux chamou de Esquecimento nº2. Por outro lado, o Esquecimento nº1, que é o da ordem ideológica está ligado ao “fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, 2009, p. 162) este esquecimento está ligado ao recalque do inconsciente, isto faz com que o sujeito ao enunciar, acredite, por uma dissimulação, ser a origem daquilo que diz (“eu sei o que estou dizendo”).



Além dos conceitos de FD, sujeito, também outras questões importantes são a noção de Condições de Produção (CP) e Interdiscurso.

Com relação às condições de produção, Pêcheux define como “o conjunto da descrição das propriedades relativas ao destinador, ao destinatário e ao referente, sob condição de dar imediatamente certo número de precisões” (PÊCHEUX, 2011, p. 214), ou seja, este conceito nos faz pensar em algumas perguntas relativas à produção de determinado discurso como: quem disse? O que disse? Para quem disse? A partir daí se remontam as condições em que determinado discurso foi enunciado, ligando-o à história.

O cenário discursivo atual tem se mostrado farto quanto aos debates que polemizam sobre temas diversos. No tocante aos interesses dessa pesquisa, torna-se provocativo buscar compreender o funcionamento da ordem discursiva feminina a partir do posicionamento das mulheres sobre temas que têm sido problematizados e ressignificados no que tange a considerações que afetam a constituição da identidade das mulheres.

Se por um lado há um jogo político que atua para a permanência de um *status quo* em relação ao que cabe e seja ser mulher, na outra via, há a ruptura, vejam-se os discursos de empoderamento feminino.

Contudo, o que problematiza-se na pesquisa são as práticas discursivas de mulheres que coadunam com a perspectiva do silenciamento e apagamento de lutas políticas que simbolicamente buscam se impor frente aos discursos de dominação masculina. Esta é a via que procuro refletir.

Este conceito de silenciamento é importante, também, para refletir que tudo aquilo que não pode e não deve ser dito está exterior àquela(s) formação(ões) discursivas, e é conseqüentemente jogado no âmbito do silêncio, do que não pode e não deve ser dito, desta forma, o que não está em uma FD, está em outra, silenciado, esquecido.

Gestos Analíticos

O corpus coletado está composto por duas partes: primeiro as postagens sobre temas relacionados ao atual governo e o segundo recorte baseado nos comentários das integrantes dessas páginas, porém, a atenção maior será dada aos comentários.



mulherescombolsonaroma • Seguindo



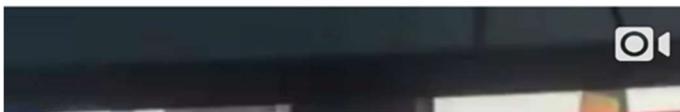
mulherescombolsonaroma Como fuzilar a mídia ESQUERDISTA com um olhar 🤔

Ver todos os 4 comentários

19 de março • Ver tradução



mulherescombolsonaroma • Seguindo





Fonte: Facebook

Na postagem acima a sujeita enunciativa, tendo em vista que é um grupo composto apenas por mulheres usarei “a sujeita”, compartilha uma postagem no grupo “Mulheres com Bolsonaro”, que traz uma foto do atual presidente brasileiro e do presidente estadunidense em um encontro na casa branca. Dentre as diversas sequências discursivas (SDs) encontradas nos comentários da postagem, destaco a primeira, **SD1: “Perfeito esse olhar do nosso presidente vale mais do q mil palavras para esses esquerdoatas alienados.”** Nessa SD1, os verbetes “perfeito” e “nosso” são atribuídos ao presidente brasileiro como justificativa para o evidente silêncio que se instala entre ambos os presidentes, e também retomando uma memória em relação a campanha, quando o então candidato não se valeu das palavras nos debates, mas sim o silêncio, ou seja, não é necessário um diálogo, o encontro já é o suficiente, além do mais, os olhares não parecem estar em sintonia, todavia, essa observação é silenciada pelas enunciantes. Há aí também, uma completa identificação, uma idolatração ao usar “nosso”, retomando a memória de um discurso bíblico como “Messias, nosso Salvador, já que Messias faz parte do nome do presidente, e ademais, a página é direcionada a um grupo de apoio ao mesmo, ideia essa reforçada em outro comentário *#bolsonaroorgulhodobrasil*, ou ainda de salvar o Brasil do suposto comunismo instalado pelo



governo anterior. Na mesma SD, a enunciadora emprega “esquerdoatas” ao invés de esquerdopatas, podendo ser analisado como um ato falho na emoção do momento da enunciação. Pela análise morfológica da palavra, sociopata é uma palavra usada para descrever pessoas que sofrem de sociopatia, ou seja, que tem uma aversão ou antipatia pelo social, e que provoca um comportamento impulsivo, hostil e antissocial. Sendo assim, temos aqui um efeito de sentido que provoca uma contradição, pois à esquerda é atribuído o papel politicamente social. Esse deslizamento aponta para um grupo que não defende princípios que buscam a igualdade social e trata como doença àqueles que a buscam, reforçando ainda a ideia de loucura/doença com o termo “alienados”.

Na SD2 “**Como fuzilar a mídia ESQUERDISTA com um olhar**”, temos a retomada de um dizer, de uma memória, proferida pelo presidente quando esteve no estado do Acre, afirmando que esquerdistas deveriam ser fuzilados. O termo “ESQUERDISTA” escrito em caixa alta, revela em alto tom qual o alvo desse “fuzilar”: esquerdista, já que, na SD1, são vistos como loucos, alienados, portanto, há a necessidade de silenciá-los, afastá-los do convívio social, eliminá-los. Para a AD, a memória discursiva é o suporte semântico de um discurso, seu funcionamento se dá através da repetição de enunciados, que forma uma regularidade discursiva. Esta, por sua vez, invoca significados através dos pré-construídos estabelecidos nas séries enunciativas.

compartilhou um link no grupo ...
Mulheres com Bolsonaro em missão #oficial.
18 de julho às 15:19 · 🌐



CARTACAPITAL.COM.BR
'Não é nepotismo, jamais faria isso', diz Bolsonaro sobre filho na embaixada - Carta Capital

- 

Um Bolsonaro chateia muita gente, quatro Bolsonaros chateiam muito mais !

na qui Curtir Responder Mais
- 

EU sabia que meu PRESIDENTE sabia que está fazendo

na qui Curtir Responder Mais
- 

#euapoiobolsonaro #foracorrutos

na qui Curtir Responder Mais
- 

#euapoiobolsonaro #foracorrutos

na sex Curtir Responder Mais



Fonte: Facebook

Na SD3 “Um Bolsonaro chateia muita gente, quatro Bolsonaros chateiam muito mais!”, as “combatentes”, pois denominam-se “Mulheres com Bolsonaro em missão#oficial, apontando assim para uma FD militar, se inflamam aos ataques de nepotismo, tão logo se movimentam “#nãoénepotismo” e “#euapoiobolsonaro #foracorrutos”. E, na ausência de argumentos, elas se orientam pelo único discurso possível, o apelativo, a exemplo, o comentário: “Um Bolsonaro chateia muita gente, quatro Bolsonaros chateiam muito mais!” Há aqui um tom infantil que remete à canção: “um elefante incomoda muita gente, dois, três, quatro ...”. É um discurso apelativo, desprovido de uma argumentatividade; defende-se porque se defende, e já não se sabe por quê.

Dessa forma, mobiliza-se dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra (ORLANDI, 2003). Pela perspectiva da Análise do Discurso, Pêcheux (2010) aborda sobre formação discursiva e a define:

o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada: o ponto essencial aqui é que não se trata apenas da natureza das palavras empregadas, mas também (e sobretudo) de construções nas quais essas palavras se combinam na medida em que elas determinam a significação que tomam essas palavras: como apontávamos no começo, as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam. Podemos agora deixar claro: as palavras “mudam de sentido” ao passar de uma formação discursiva a outra (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 1971, p. 102-1030.

Segundo Orlandi (2007, p. 43), “As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações”. Ao chegar à conclusão de que são as FD’s que definem o que pode e deve ser dito, estas são delimitadas pelo interdiscurso sendo também o interdiscurso que determina as FD’s. De acordo com Pêcheux (2010), a identificação do sujeito com a FD é exposta a erros, pois um ritual não está livre de falhas.



Considerações Finais

O *corpus* da pesquisa demonstrou como os discursos difundidos nas redes sociais ajudam a disseminar “a vontade de verdade” de determinados grupos e que, encontramos na obra *A ordem do discurso*, de Michel Foucault (2012).

Todavia, baseado nos pressupostos teóricos de AD de linha francesa, conseguimos perceber pelas sequências discursivas analisadas, alguns funcionamentos, como o assujeitamento: a sujeita que enuncia fala a partir de uma ideologia pela qual foi interpelada, pois somos sujeitos atravessados pela ideologia. Segundo Michel Pêcheux, o Esquecimento nº1, que é o da ordem ideológica está ligado ao ato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina, portanto, este esquecimento está ligado ao recalque do inconsciente, isto faz com que o sujeito ao enunciar, acredita, por uma dissimulação, ser a origem, a fonte daquilo que diz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **ANÁLISE DO DISCURSO E SUAS INTERFACES** o lugar do sujeito na trama do discurso. *Revista Organon*, v. 24, n. 48, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012

HAROCHE, C. PÊCHEUX, M. HENRY, P. A Semântica e o Corte Saussuriano: Língua, Linguagem, Discurso. *Linguagem – Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem*. Acesso em: 10 de set. 2019. Disponível em: <https://goo.gl/j35QRE>.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as vozes**. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2013.



ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia.** Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Tradução de Eni Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** 2 ed. Campinas: Unicamp, 1993. p. 61-161.

PÊCHEUX, M. **O papel da memória.** In: ACHARD, P. et al. O papel da memória. Tradução de José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010.